

IPCA SEGUE EM FORTE ACELERAÇÃO COM CRESCIMENTO DE 1,25% EM OUTUBRO, A MAIOR PARA O MÊS DESDE 2002

A inflação, medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), teve alta de 1,25% em outubro, a maior para o mês desde 2002, quando o índice foi de 1,31%. Em outubro de 2020, a variação mensal foi de 0,86%.

Todos os nove grupos de produtos e serviços pesquisados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) registraram alta no mês. Destaque para transportes (2,62%), com o maior impacto (0,55 p.p) no índice de outubro, em razão, principalmente, dos combustíveis (3,21%). A gasolina apresentou variação de 3,10% e impacto individual de 0,19 p.p.. A alta da gasolina está relacionada aos reajustes consecutivos que têm sido aplicados no preço do combustível pela Petrobras. Com isso, a gasolina acumula alta de 38,29% no ano e 42,72% nos últimos 12 meses. Além da gasolina, houve também aumento nos preços do óleo diesel (5,77%), etanol (3,54%) e gás veicular (0,84%).

Os preços das passagens aéreas também registraram alta (33,86%). Entre as razões do aumento, destaca-se a pressão vinda dos preços do querosene de aviação, que tem contribuído para o aumento dos preços das passagens. Adicionalmente, com o avanço da vacinação e a flexibilização cada vez maior das medidas restritivas de circulação de pessoas, houve um aumento no tráfego de passageiros nos aeroportos. Como a oferta ainda não se ajustou à demanda, o desajuste também vem contribuindo com a alta dos preços. Outro destaque foi a aceleração dos preços do transporte por aplicativo (19,85%), também pressionado pelos aumentos nos preços dos combustíveis.

No grupo habitação (1,04%), mais uma vez, a alta foi influenciada pela energia elétrica (1,16%), embora esse item tenha desacelerado em relação a setembro (6,47%). Em outubro, foi mantida a bandeira escassez hídrica, que acrescenta R\$ 14,20 na conta de luz a cada 100 kWh consumidos. Também houve reajustes tarifários em regiões como Goiânia, São Paulo e Brasília. O gás de botijão (3,67%) é outro item que vem pressionando o IPCA. O gás subiu pelo 17º mês consecutivo em outubro, acumulando alta de 44,77% desde junho de 2020.

Alimentação e bebidas registraram aceleração (1,17%) frente a setembro (1,02%) e tiveram a segunda maior contribuição (0,24 p.p.) no IPCA. Alimentação no domicílio cresceu 1,32% puxado, principalmente, pelas altas no tomate (26,01%), batata-inglesa (16,01%), café moído (4,57%), frango em pedaços (4,34%) e queijo (3,06%). Por outro lado, recuaram os preços de hortaliças e verduras (-2,76%), leite longa vida (-1,71%), feijão-carioca (-1,47%) e arroz (-1,42%).

A alimentação fora do domicílio passou de 0,59% em setembro para 0,78% em outubro, principalmente por conta do lanche (1,31%), que havia apresentado variação negativa em setembro (-0,35%).

Com o resultado de outubro, o IPCA avançou ainda mais no acumulado nos últimos 12 meses, registrando alta de 10,67%. No caso de alimentação e bebidas, a alta acumulada é de 11,71% e de 13,27% para alimentação no domicílio.

Comunicado Técnico

IPCA - Outubro de 2021

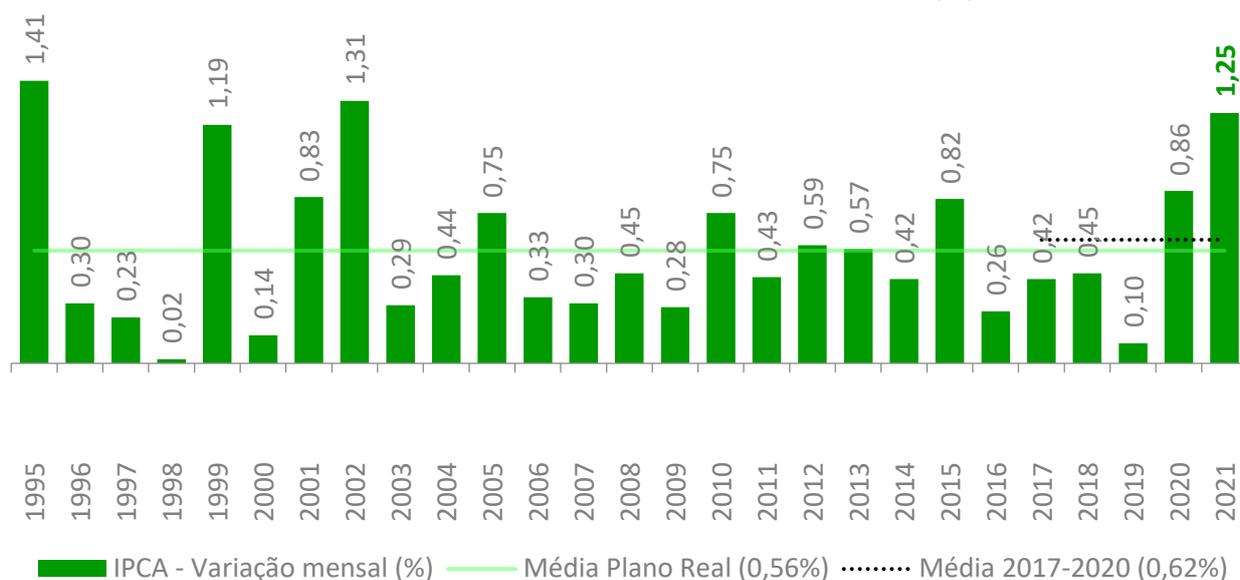
Edição 32/2021 | 11 de novembro

www.cnabrazil.org.br



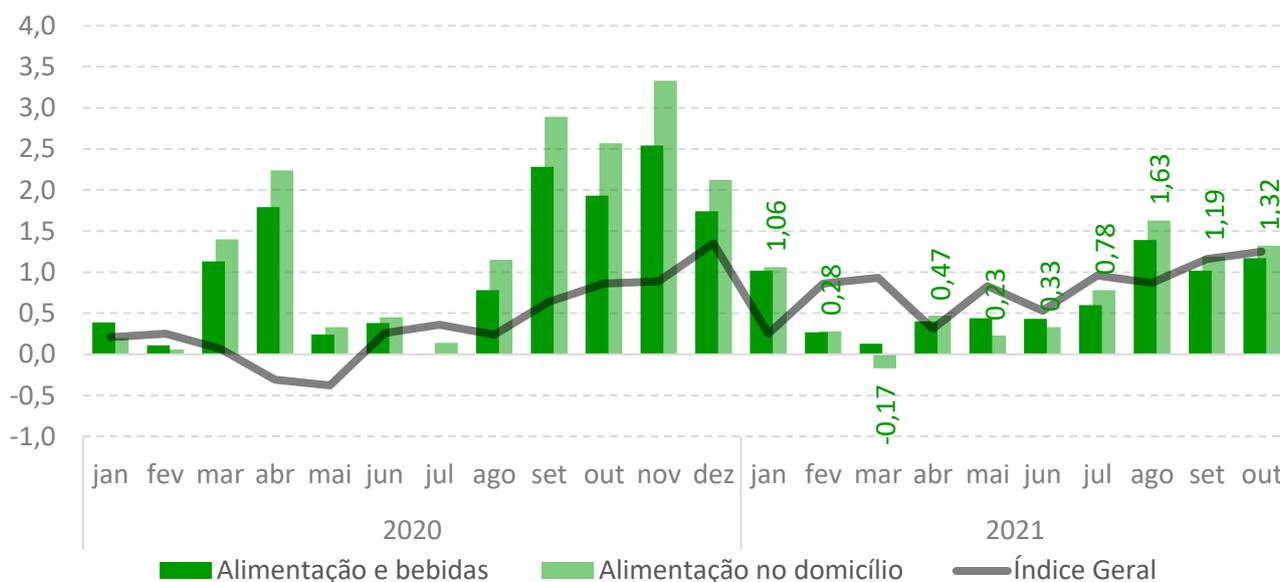
Com isso, a inflação deve manter-se em nível elevado até o final do ano e superar o teto da meta estipulada pelo Conselho Monetário Nacional para 2021, de 5,25% ao ano. Na expectativa do Boletim Focus, a inflação encerrará 2021 em 9,33%.

Gráfico 1. IPCA - Meses de Outubro de cada Ano (%)



Fonte: IBGE. Elaboração: DTEC/CNA.

Gráfico 2. IPCA – Índice Geral e Grupos – Variação mensal (%)



Fonte: IBGE. Elaboração: DTEC/CNA.

Comunicado Técnico

IPCA - Outubro de 2021

Edição 32/2021 | 11 de novembro

www.cnabrazil.org.br



No acumulado do ano até outubro, a inflação vem registrando intenso crescimento. Parte dos fatores que vem pressionando o IPCA desde o início do ano seguem os mesmos, entre os quais destacam-se o dólar apreciado, afetando os preços de insumos importados; e a dificuldade no restabelecimento da oferta de insumos e dos estoques em razão do processo ainda incompleto de normalização das cadeias globais de produção. Outros problemas se acentuaram, como as questões de infraestrutura e logística, com destaque para a falta de contêiner, e o sobre os preços administrados em razão do forte peso da energia elétrica sobre o índice geral. Com isso, o IPCA acumula alta de 8,24% no ano.

Importante ressaltar que a natureza do processo inflacionário de 2021 tem se alterado nos últimos meses. No primeiro semestre, era possível associar a aceleração da inflação à recomposição dos preços administrados e aos preços das *commodities* precificadas em dólar, agravada localmente pela desvalorização do real.

Mas não era de se esperar que os preços de *commodities* seguissem acelerando ou que o ritmo de aumento de tarifas monitoradas pelo governo continuaria tão intenso, dado que os reajustes ocorrem pontualmente. Em razão desse cenário, tinha-se a expectativa de que a aceleração da inflação fosse algo temporário e um arrefecimento gradual dos preços da economia ocorresse ao longo do ano.

Mas o que se observou nos meses seguintes foi uma pressão cada vez maior dos principais itens do grupo monitorados, energia elétrica e combustíveis. Além disso, os demais preços da economia, até então relativamente bem comportados, começaram a reagir em razão do avanço da vacinação, da flexibilização de medidas sanitárias (com a manutenção de apenas parte dos protocolos) e até mesmo o fim de algumas medidas restritivas de circulação de pessoas (como o horário de funcionamento). Esses fatores contribuíram para o aumento da demanda, repercutindo sobre os preços de produtos industriais e sobre os preços do grupo serviços, como restaurantes, salão de beleza, turismo, entre outros.

Nesse novo contexto, a inflação tem se mostrado um processo mais disseminado na economia, como indica o índice de difusão do IPCA, que mostra o percentual de itens na cesta de bens e produtos do índice com aumentos de preços. Em março deste ano, o indicador era de 62,60% e chegou a 71,88% em agosto. Em outubro, o indicador ficou em 66,8%, ainda bastante elevado.

No caso de alimentos, os preços do grupo vinham registrando arrefecimento nos primeiros meses de 2021 até junho, quando comparados a 2020, mas acabaram registrando aceleração a partir de julho em razão dos efeitos das adversidades climáticas, seca e geadas, sobre a produção.

Mesmo com as condições climáticas prejudicando a produção de alimentos no ano, no acumulado de janeiro a outubro, a alta em alimentos e bebidas (7,08%) encontra-se abaixo da registrada em igual período de 2020 (9,38%). No caso de alimentação no domicílio, a diferença é ainda mais expressiva, com alta é de 7,34% ante 11,98%, na mesma base de comparação.

Comunicado Técnico

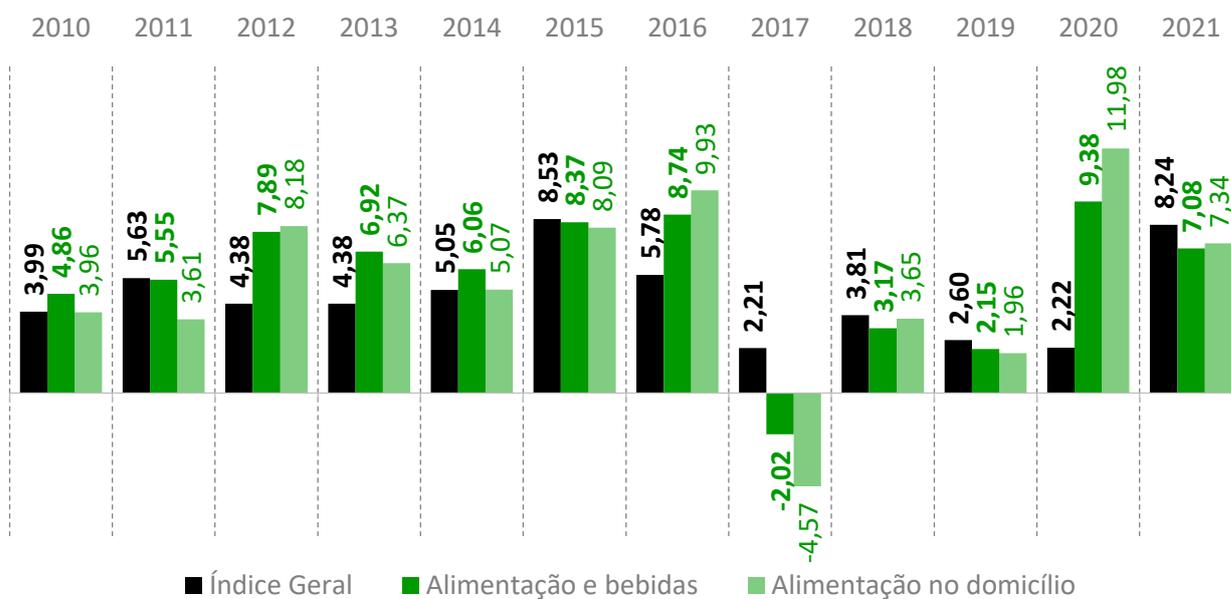
IPCA - Outubro de 2021

Edição 32/2021 | 11 de novembro

www.cnabrazil.org.br



Gráfico 3. IPCA – Índice Geral e Grupos – Acumulado no Ano (%)



■ Índice Geral ■ Alimentação e bebidas ■ Alimentação no domicílio

Fonte: IBGE. Elaboração: DTEC/CNA.

Nos últimos 12 meses encerrados em outubro, o IPCA acumulou alta de 10,67%, 6,75 pontos percentuais superior à taxa de 3,92%, observada no mesmo período de 2020. Com isso, a inflação encontra-se em trajetória bastante acima da meta estipulada para 2021, de 3,75% ao ano.

Importante ressaltar que a persistência da inflação em alto patamar aumenta o risco de que as expectativas de inflação para o próximo ano também sejam afetadas para níveis acima do centro da meta definido para 2022, de 3,5%. Em razão disso, o Comitê de Política Econômica do Banco Central do Brasil (Copom) deve continuar elevando a taxa básica de juros (Selic), que encontra-se atualmente em 6,25% e deve encerrar 2021 em 9,25%, segundo as expectativas do último Boletim Focus. Como consequência dos aumentos da Selic, que representa o custo de captação das instituições financeiras, as taxas de juros cobradas nos empréstimos às famílias e ao setor produtivo devem continuar subindo, o que se traduz em impacto negativo sobre demanda e investimento produtivo.

Comunicado Técnico

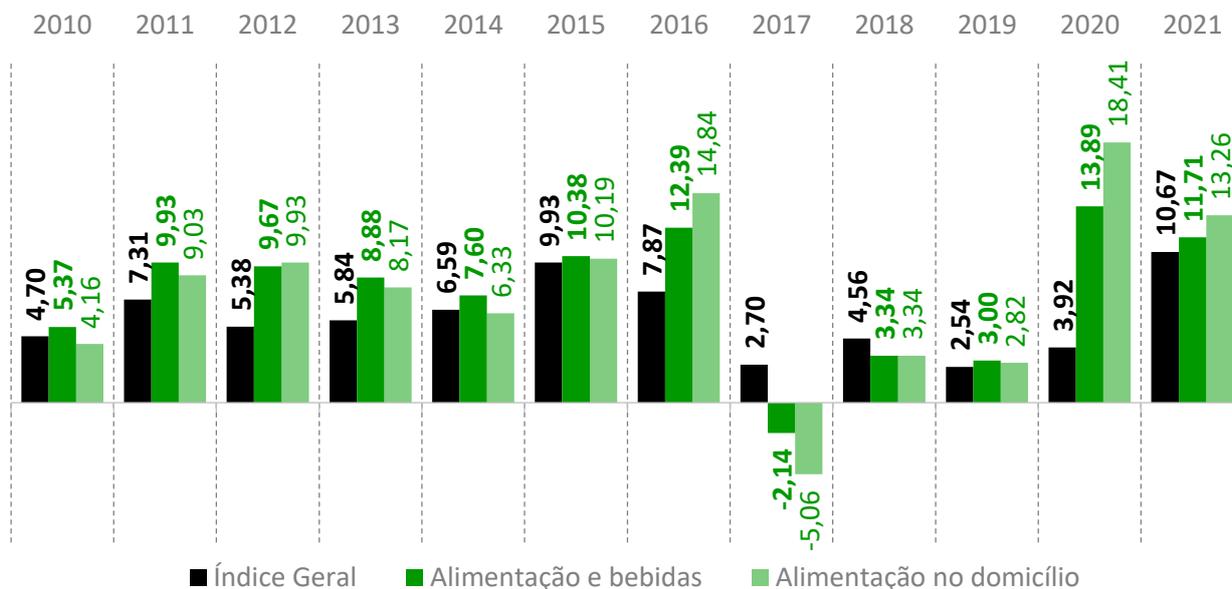
IPCA - Outubro de 2021

Edição 32/2021 | 11 de novembro

www.cnabrazil.org.br



Gráfico 4. IPCA – Índice Geral e Grandes Grupos – Acumulado em 12 meses (%)



Fonte: IBGE. Elaboração: DTEC/CNA.

As tabelas 1 e 2 mostram os principais alimentos consumidos no domicílio que tiveram maior impacto, tanto em termos de alta como de baixa, levando em consideração a ponderação de cada item no IPCA de outubro, e suas respectivas variações mensais de preço.

Tabela 1. Maiores Impactos de Alta - Produtos Selecionados

Produtos	Varição (%)	Impacto (p.p.)
Tomate	26,01	0,065
Batata-inglesa	16,01	0,027
Café moído	4,57	0,016
Frango em pedaços	4,34	0,030
Queijo	3,06	0,016

Fonte: IBGE. Elaboração: DTEC/CNA.

Tabela 2. Maiores Impactos de Baixa - Produtos Selecionados

Produtos	Varição (%)	Impacto (p.p.)
Hortaliças e verduras	-2,76	-0,006
Leite longa vida	-1,71	-0,013
Feijão-carioca (rajado)	-1,47	-0,002
Arroz	-1,42	-0,009
Maçã	-1,13	-0,002

Fonte: IBGE. Elaboração: DTEC/CNA.

As razões para os resultados das tabelas 1 e 2 são apresentados em mais detalhes a seguir:

Principais altas de preço no mês de outubro/2021:

Tomate – A oferta se manteve retraída ao longo do mês de outubro em razão da finalização da colheita das primeiras áreas de inverno. Além disso, as geadas que ocorreram ao longo do mês de julho influenciaram a oferta ao longo do período. Lavouras afetadas e que foram replantadas terão colheita tardia, com intensificação ao longo do mês de novembro.

Batata-inglesa – A finalização da safra de inverno nas regiões do Cerrado Mineiro e Goiano, principais regiões produtoras do período, reduziu a disponibilidade do tubérculo no mercado e resultou em elevação nos preços. As chuvas registradas ao longo do mês interferiram na qualidade do produto ofertado, mas ainda sim houve predominância de altas.

Café moído – A quebra de safra em mais de 26% em função do déficit hídrico, a bialidade negativa e a redução do potencial de recuperação em função das geadas comprometeu a oferta e tem impulsionado os preços com reflexo aos consumidores.

Frango em pedaços – A alta no preço do frango é reflexo do repasse dos custos de produção no campo. Houve aumento dos custos com alimentação e energia elétrica, que tiveram que ser repassados ao consumidor final. Além disso, com a alta no valor da carne bovina, o consumidor tem migrado para proteínas mais baratas como o frango, aumentando a demanda pelo produto.

Queijo – O aumento de 3,06% é reflexo dos maiores dispêndios com a aquisição de leite pelos laticínios em setembro, no qual as cotações no campo foram oneradas em 1%, que, somadas à elevação dos combustíveis, energia e outros fatores de produção, culminou no repasse do aumento nos custos aos elos seguintes. Em paralelo, no campo os produtores seguiram com margens estreitas na atividade leiteira. Os componentes da ração se mantiveram em patamares historicamente elevados, exigindo resiliência dos produtores para manter a produção nesse cenário adverso.

Principais quedas de preço no mês de outubro/2021:

Hortalças e verduras – Oscilações na temperatura e ocorrência de chuvas influenciaram na demanda, que se manteve retraída ao longo do mês. As chuvas também interferiram na disponibilidade, e sobretudo qualidade dos produtos, pressionando as cotações ao longo do período.

Leite longa vida – A queda de 1,71% foi motivada pela maior captação de leite pelas indústrias, dada a entrada da safra de leite. Ao contrário do queijo, que demanda maior período de beneficiamento, a maior captação culminou em aumento na oferta do derivado pelas indústrias, trazendo arrefecimento dos

Comunicado Técnico

IPCA - Outubro de 2021

Edição 32/2021 | 11 de novembro

www.cnabrazil.org.br



preços ao longo da cadeia de valor. Indicadores de mercado pontuam que o leite UHT iniciou o mês de outubro a cerca de R\$ 3,39/litro, alcançando R\$ 3,01 na última semana, consolidando queda de 11,2% no mês. Nesse contexto, infere-se que a menor queda de preço aos consumidores denota maiores margens do setor varejista.

Feijão-carioca (rajado) – Diante da redução de produção em 2021 e das altas de preços vivenciadas em meses anteriores, as boas condições climáticas têm contribuído para a retração das cotações aos produtores, que apresentou redução de 5,3% no preço pago entre outubro e setembro de 2021. O resultado foi o repasse das reduções aos consumidores, que foi de 1,47%.

Maça – Demanda retraída e estoques nacionais em alta resultaram em redução nas importações. A cotações se mantiveram pressionadas e influenciaram a atividade nas classificadoras, que optaram por controlar a oferta no mercado com a intenção de conter a redução nos preços.

Arroz – O bom desempenho na última safra e as boas perspectivas para a safra em plantio na região Sul associados às retrações de preço no mercado internacional e ao produtor, que apresentou retração de 3,6% entre outubro e setembro de 2021, têm contribuído para o recuo dos preços ao consumidor.

Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil – CNA:

Bruno Barcelos Lucchi - Diretor Técnico

Reginaldo Minaré – Diretor Técnico Adjunto

Núcleo Econômico

Renato Conchon – Coordenador

Elisângela Pereira Lopes – Assessora Técnica

Fernanda Schwantes – Assessora Técnica

Isabel Mendes de Faria – Assessora Técnica

Lucas Martins de Araújo – Assessor Técnico

Mariza de Almeida – Assessora Técnica

Lilian Figueiredo – Coordenadora de Produção Animal

Maciel Silva – Coordenador de Produção Vegetal

Eduarda Lee – Assessora Técnica

Elena Castellani – Assessora Técnica

Danyella Bonfim – Assessora Técnica

Guilherme Mossa de Souza Dias – Assessor Técnico

Leticia Assis Valadares Fonseca – Assessora Técnica